

**APLICAÇÃO DE CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS PELAS ATENDENTES, NO  
DIA-A- DIA DA CRECHE, APÓS TÉRMINO DE CURSO DE QUALIFICAÇÃO  
PARA EDUCADORES INFANTIS**

**RELATO DE PESQUISA**  
CLARA BRENER MINDAL<sup>1</sup>

CURITIBA  
**2003**

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação – Universidade federal do Paraná

## RESUMO

O presente relato apresenta dados de pesquisa realizada com educadoras infantis que exerciam essa atividade com crianças de 0 a 6 anos, porém, sem formação específica para atuar na área (atendentes, babás, auxiliares, cozinheiras, entre outras) e que freqüentaram cursos de qualificação promovidos pela Secretaria de Estado do Emprego e Relações do Trabalho, a Secretaria de Estado da Criança e Assuntos da Família e a Secretaria de Estado da Educação, em convênio com a Universidade Federal do Paraná, nos anos de 1997, 1998 e 1999. Participaram trabalhadoras de creches de 25 municípios da Região Metropolitana de Curitiba e do Litoral Paranaense. O objetivo da pesquisa foi verificar se após o término do curso, as alunas continuaram utilizando os conhecimentos adquiridos e se verificaram mudanças em sua prática atribuíveis àquela qualificação. No ano de 1997, foi montado um plano piloto e verificado que algumas das alunas que freqüentaram o curso possuíam escolaridade entre 4ª e 8ª séries mas, a maioria possuía escolaridade entre o Ensino Médio e o Superior; no ano de 1998, a maioria tinha até Ensino Médio e no ano de 1999, a escolaridade da maioria das participantes era Ensino Fundamental. Essa diferença deve-se ao fato de que foi enfatizado, após o primeiro ano de curso, que era urgente selecionar e trabalhar com quem possuía menos escolarização e ao mesmo tempo deveria ser incentivado o retorno dessas trabalhadoras à escola buscando elevar o nível de formação escolar regular, em função das exigências da nova LDB. A faixa etária das alunas era muito variada, desde os 18 anos até os 70 anos e a renda salarial recebida mensalmente variava entre um a dois salários mínimos e meio. De 278 questionários enviados, 125 foram devolvidos pelos Correios (48%), 50 retornaram respondidos (18%). A maioria das respostas ressalta a importância que o curso teve para provocar modificações na prática educativa, na forma de entender as crianças e para incentivar a volta ou a continuação de estudos regulares. O curso incentivou também, segundo vários relatos, a avaliação e a crítica das condições de trabalho nas creches. Dezesesseis alunas responderam ter continuado os estudos regulares, mas, abandonaram o trabalho na creche e buscaram emprego no ensino fundamental ou na área de saúde em função dos baixos salários percebidos nas creches.

## INTRODUÇÃO

Os Referencias Curriculares para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), ao tratar das características do profissional de Educação Infantil, apresentam um panorama nacional da situação do nível de formação e de qualificação das pessoas que atuam nessa área específica. Segundo esses Referenciais, diversos estudos realizados no país apontam a precariedade da formação do educador infantil:

“...na pré-escola, constata-se, ainda hoje, uma pequena parcela de profissionais considerados leigos, isto é, sem formação específica em educação infantil e, principalmente nas creches, ainda é significativo o número de profissionais sem a formação escolar mínima mas atuam nessa área com denominação variada: são berçaristas, auxiliares de desenvolvimento infantil, babás, pajens, monitoras, recreacionistas, entre outros.” (BRASIL, 1998, pg. 39, v.1)

Dados semelhantes foram encontrados em levantamento nacional realizado pela Secretaria de Assistência Social (SANCHES, 1999). Nas creches que ofereciam serviços financiados por essa Secretaria, 6,4% dos trabalhadores dessa área não possuíam escolaridade e 50,5% possuíam apenas formação em nível de 2º grau completo.

No Estado do Paraná, encontramos situação similar. Segundo levantamento da Secretaria de Estado da Educação (PARANÁ, 1998), em 1998, de um total de 43.838 profissionais que atuavam nas creches e pré-escolas, 10.475 tinha ensino fundamental incompleto e 464 não tinha escolaridade comprovada.

A constatação dessa realidade nacional, e os debates em torno da educação infantil levaram a repensar as concepções de criança e de educação para essa faixa etária, a oferta e a qualidade do atendimento institucional e o reordenamento legislativo para responder às demandas atuais de educação da criança de 0 a 6 anos.

Em resposta a esses debates surgiram as disposições da nova LDB, entre elas o estabelecimento do nível médio – curso normal - como mínimo de formação para o magistério na educação infantil.

Em relação aos professores sem essa escolarização mínima e que já se encontram atuando nas creches e pré-escolas, a legislação prevê, conforme consta nos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), um período de transição, no qual espera-se das redes de ensino o investimento em capacitação e atualização, isto é, a formação e o treinamento em serviço visando conhecimento educacional adequado à faixa etária de 0 a 6 anos e a criação de condições para a obtenção da formação regular.

No Estado do Paraná, o Plano Estadual de Educação (PARANÁ, 1998) propôs, como uma de suas metas, garantir essa formação para todos os educadores de creches e pré-escolas paranaenses.

Uma medida complementar que visava assegurar o desenvolvimento de habilidades específicas relacionadas ao atendimento da criança de 0 a 6 anos foi

a de ofertar cursos de capacitação para os profissionais leigos que atuam na área de educação infantil.

Seguindo essa intenção, a Secretaria de Estado da Educação - em parceria com a Secretaria da Criança e de Assuntos da Família, a Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho, universidades estaduais (Universidade Estadual de Ponta Grossa, Universidade Estadual do Centro Oeste, Universidade Estadual de Maringá, Universidade Estadual do Oeste do Paraná e Universidade Estadual de Londrina) e a Universidade Federal do Paraná ofertaram, de 1997 a 2002, cursos de qualificação para educadores que atuavam com as crianças de 0 a 6 anos, procurando atender, preferencialmente, aqueles que não possuíam, a formação adequada prevista em lei.

Analisando os dados da pesquisa realizada pela Secretaria de Assistência Social sobre a formação dos educadores de creches, SANCHES (1999) aponta as condições encontradas como favoráveis ao desenvolvimento de programas de formação permanente em serviço, pois a preocupação com o grau de escolaridade dos funcionários é considerada, por muitos estudiosos da área, como pré-requisito para o aprimoramento profissional e para a oferta de atendimento de qualidade para as crianças de 0 a 6 anos.

Na realidade que temos no Brasil, muitos educadores que já se encontram na ativa, não passaram por uma formação acadêmica inicial, nem por uma qualificação específica e o conhecimento que possuem é um saber advindo de sua experiência de vida, do exercício de suas funções; porém, esse conhecimento muitas vezes não é elaborado, não é discutido, é ingênuo e intuitivo. É um conhecimento de senso comum, permeado de falsas crenças e pré-conceitos e muitas vezes limitado nas possibilidades que oferece para propiciar desenvolvimento adequado às crianças e, principalmente no meio educacional, desvalorizado como saber em função dessas deficiências. Ou seja, nem se aproveita, nem se reconhece, e portanto se perde, toda a experiência positiva que nesse conhecimento possa existir.

Para esses educadores, então, a qualificação pode implicar na oportunidade de acesso a um mínimo de conhecimento teórico e a uma reflexão que alia esse conhecimento à prática diária, com os objetivos de valorizar sua experiência e, ao mesmo tempo, de questioná-la criticamente, levando-o, possivelmente, a produzir mudanças em direção a um trabalho mais adequado às necessidades infantis e mais satisfatório para o seu próprio desenvolvimento como profissionais de educação .

Nos cursos ofertados pela UFPR, a qualificação das pessoas que já exerciam a função de educador infantil, nessas condições, partiu das necessidades diárias: necessidades que surgiam ao se tomar consciência do que se faz e se sabe, do que não se faz e não se sabe, do que se faz e se sabe mas é inadequado.

Em resumo, reforçamos, nos cursos ofertados, a ideia de que a educação do profissional que lida com a criança de 0 a 6 anos não se restringia somente ao nível de escolarização desse profissional, mas também, à formação para a atuação no campo específico, isto é, à apropriação dos conhecimentos e práticas específicas para o trabalho com as crianças dessa faixa etária, além da valorização e consideração da experiência que cada educadora possuía.

Para corroborar nossas intenções sobre a formação do educador infantil, citamos alguns trechos da indicação 001/99 da Câmara de Ensino Fundamental (1999). Esta indicação estabelece Normas para a Educação Infantil no Sistema Estadual de Ensino do Paraná. Encontramos nela dois princípios educativos para a educação infantil que podem ser, também, considerados válidos como princípios educativos para a educação do adulto que vai lidar com essa criança:

A consideração daquilo que a criança sabe, sente, sua característica cultural e, aquilo que ela necessita para desenvolver sua identidade e autonomia, nos seus aspectos afetivos, físicos, sociais e culturais. A formação pessoal e social de cada criança;

A consideração dos diferentes contextos de um mundo novo, que a criança vai construir no coletivo, desenvolvendo aspectos de sua vida social, até então desconhecidos, e que integram as atividades de cada dia e se organizam nas áreas de conhecimento da língua oral e escrita, da matemática, da natureza e sociedade, das artes visuais, da música ou da educação física. O mundo social e coletivo no universo infantil.” (CÂMARA DE ENSINO FUNDAMENTAL, 1999, pg. 4)

Ao acreditar que estes mesmos princípios deveriam permear tanto a formação do educador quanto a formação da criança, partíamos do princípio de que é difícil imaginar pessoas heterónomas, educando crianças para a autonomia, pessoas que mal reconhecem seus direitos educando para a cidadania ou educadores ensinando conhecimentos que não possuem. Tornava-se, portanto, imperiosa a consideração da formação pessoal e social do educador e a consideração do seu mundo social e coletivo junto aos domínios teóricos e técnicos.

Portanto, os cursos de qualificação para educadores infantis, ofertados pela UFPR, nos anos de 1997, 1998 e 1999, objeto desta pesquisa, partiram da realidade cotidiana das alunas, aliando teoria e prática a uma postura crítica frente à realidade de trabalho que enfrentavam.

Nas diversas avaliações realizadas durante o curso, as alunas relataram o aproveitamento, nos seus locais de trabalho, dos conteúdos trabalhados e das técnicas aprendidas no curso, bem como relataram mudanças de atitude frente às crianças e de compreensão sobre seu papel de educadoras. Muitas alunas tornaram-se uma espécie de multiplicadoras, isto é, ensinavam as colegas que não estavam frequentando o curso.

No entanto, nos anos de 1997, 1998 e 1999, o acompanhamento das alunas que frequentaram o curso foi realizado somente durante o período da duração dos cursos e não houve acompanhamento posterior ao término dos mesmos.

Na literatura acadêmica sobre formação do professor ou do educador infantil, são frequentes as dúvidas quanto a efetividade de cursos de atualização ou de qualificação sem acompanhamento e apoio posterior ao professor na sua prática cotidiana.

Como afirma Macedo:

Por mais que um professor faça cursos e fundamente sua prática pedagógica, a tendência é ficar dominado pelos problemas práticos e pelo dia-a-dia, difícil e envolvente, da sala de aula. A superação dessa tendência pelo professor é importante e não é fácil porque supõe a tematização do cotidiano, o que implica torná-lo público, sistematizar a metodologia, compartilhar com colegas os

problemas que enfrenta, discutir temas recorrentes em educação...”  
(MACEDO,1994, pg.59)

As aulas dos cursos utilizaram técnicas diversas que incentivavam o debate, a troca de experiências e a vivência grupal entre as alunas, além de incentivos para levar essas experiências para suas creches e partilhá-las com suas colegas de trabalho.

Entretanto, em função desse tipo de dúvidas encontradas na literatura e da nossa consciência da falta de acompanhamento das alunas, após o término dos cursos ofertados pela UFPR nos anos de 1997, 1998 e 1999, esta pesquisa teve como objetivo verificar a situação atual em que se encontravam essas alunas.

## **MÉTODO**

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário enviado via correio para todas as alunas que finalizaram os cursos dos anos de 1997, 1998 e 1999.

Nele perguntávamos se os cursos foram úteis de alguma maneira. Como? As educadoras teriam compartilhado com suas colegas o que haviam vivenciado e criado alguma forma de reflexão ou trabalho em grupo? Ao longo do tempo teriam utilizado as apostilas e os conhecimentos aprendidos? O que ficou dessa experiência de qualificação? Que necessidades surgiram e que sugestões nos faziam?

Cada pergunta do questionário era composta de parte fechada e parte aberta. As respostas para cada questão foram agrupadas por semelhança e por frequência.

No ano de 1997, foi ofertado o curso que serviu de piloto e verificado que algumas das alunas que o frequentaram possuíam escolaridade entre 4<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries mas, a maioria possuía escolaridade entre o Ensino Médio e o Superior. No ano de 1998, a maioria tinha até Ensino Médio e no ano de 1999, a escolaridade da maioria das participantes era Ensino Fundamental. Essa diferença deve-se ao fato de que foi enfatizado, após o primeiro ano de curso, que era urgente selecionar e trabalhar com quem possuía menos escolarização e ao mesmo

tempo deveria ser incentivado o retorno dessas trabalhadoras à escola buscando elevar o nível de formação escolar regular, em função das exigências da nova LDB. A faixa etária das alunas era muito variada, desde os 18 anos até os 70 anos e a renda salarial recebida mensalmente variava entre um a dois salários mínimos e meio.

Dados completos sobre as alunas que frequentaram os cursos em 1998 e 1999; sobre a faixa etária e salarial; sobre os municípios; sobre as disciplinas ofertadas, entre outros, podem ser consultados nos relatórios anuais dos cursos, incluídos como anexos dois e três no relatório completo da pesquisa que pode ser encontrado na Biblioteca de Humanas da UFPR.

## **RESULTADOS**

Dos 278 questionários enviados, 125 foram devolvidos pelos Correios (48%), com indicação de insuficiência ou não existência do endereço e mudança de endereço do destinatário; outros 50 retornaram respondidos (18%). Muitos dos questionários respondidos vieram acompanhados de uma carta dirigida à pesquisadora ou de uma nota de agradecimento na própria página.

A maioria das respostas ressalta a importância que o curso teve para provocar modificações na prática educativa, na forma de entender as crianças e para incentivar a volta ou a continuação de estudos regulares. O curso incentivou também, segundo vários relatos, a avaliação e a crítica das condições de trabalho nas creches. Dezesesseis cursistas continuaram os estudos regulares, mas abandonaram o trabalho na creche e buscaram emprego no ensino fundamental ou na área de saúde em função dos baixos salários percebidos nas creches.

A seguir apresentamos cada pergunta do questionário com as respostas mais frequentes. Em anexo, apresentamos exemplos de respostas e de depoimentos significativos.

- **Você continua trabalhando com educação infantil ( Creche)?**

Sim: 33

Não : 17

Se não, por quê?

- Agora sou professora de 1ª a 4ª série;
- Trabalho em entidade social ou de saúde;
- Mudança de gestão;
- Não foi chamada após o concurso;
- Trabalho em projetos sociais com adolescentes.

### **1) O curso modificou seu trabalho?**

Sim: 41

Em branco: 09

Em quê?

- Em tudo;
- Entender mais as crianças, os meus filhos , os profissionais, um melhor relacionamento;
- Novas técnicas;
- Mais conhecimento;
- Fazer melhor o planejamento;
- Saber me auto-avaliar e ter mais confiança;
- Saber sobre o desenvolvimento da criança;
- Conhecer e aplicar todas as áreas de conhecimento e as Artes (Música, Literatura e Plásticas);
- Uma fonte de pesquisa;
- Ensinar melhor;
- Ensinou a trabalhar em grupo;
- Cantar mais;
- Respeitar as opiniões das crianças;
- Uma prática pedagógica melhor;

- A ter descontração no trabalho;
- Entender melhor os objetivos.

## 2) Continua utilizando o que aprendeu no Curso?

Sim = 46

Não = 04

De que forma? Quais conteúdos e atividades?

- brincadeiras, histórias e os trabalhos dados pelos professores;
- Planejamento adequado e criativo adaptando a cada faixa etária de todos os conteúdos aprendidos;
- Todas as sugestões aprendidas no curso e novas sugestões de dobradura, música, jogos, histórias;
- Trabalho em grupo;
- Sempre me utilizo das apostilas;
- De tudo um pouco;
- Trabalho o lúdico e o concreto;
- Com sucatas, tintas, colagem;
- Me ajuda no magistério;
- Com o meu conhecimento ajudo as colegas;
- Melhorou a minha maneira de agir;
- Gostei da psicomotricidade, agora adapto no ensino fundamental.
- Uma aluna disse não, afirmando que o curso teve pouca opção para o berçário; outra lamentou: “sinto não ter podido aplicar estes conhecimentos nos meus próprios filhos”
- As outras duas responderam não, em função de estar trabalhando em outros locais e não em creche.

## 3) Se você não aplica em seu dia a dia os conteúdos:

a) Aplicou durante um tempo e parou? Por quê?

- 20 alunos continuam aplicando.

- 06 alunos alegaram mudança de profissão
- 24 alunos deixaram em branco a resposta.
- b) Somente aplicou durante o curso? Por quê?
- Idem resposta acima.
- c) Que dificuldades você encontrou?
- 18 alunos não encontraram dificuldades;
- 01 teve dificuldades que foram esclarecidas no decorrer da prática;
- 01 na realização do planejamento e objetivos.
- 30 não responderam

**4) Teve oportunidade de compartilhar com seus colegas de trabalho o que aprendeu no curso?**

- 39 alunos compartilharam os conhecimentos adquiridos no curso.
- 06 alunos não compartilharam.
- 05 alunos deixaram em branco.

De que maneira? Quais informações?

- Tudo foi compartilhado com colegas;
- Através de encontros pedagógicos bimestrais;
- Eu ensinei o que aprendi;
- Repassei as atividades de recreação e outras;
- Repassei um pouco;
- Nos trabalhos pedagógicos, seminários e nas dinâmicas de grupo;
- Convidando para trabalhar em grupo;
- Comentei com as colegas;
- Hoje fazemos diário semanal e planejamento anual com as apostilas do curso;
- Repassei os métodos de alfabetização.

As educadoras que não compartilharam alegaram os seguintes motivos:

- Tive dificuldade por resistência das colegas;
- Os colegas tradicionais têm medo do novo.

**5) Depois do curso, sentiu necessidade de:**

- Aprofundamento = 23 respostas
- Discutir com os colegas = 11 respostas
- Outros cursos = 27 respostas
- Supervisão = 03 respostas

Explique a opção:

- Mais sugestões de atividades;
- Obtermos mais conhecimentos;
- Mais cursos pois me ajudou muito no magistério;
- Continuar para melhorar a remuneração;
- Continuar para melhorar o funcionamento da creche;
- Aprender mais;
- Para se atualizar;
- Mais cursos de D.M. ;
- Para melhorar o relacionamento;
- Vontade de aprender;
- Quase a totalidade das alunas achou a carga horária curta
- Adquirir experiência;
- Outros cursos para aprofundamento.

**6) Teve oportunidade de ler as apostilas e aprofundar seu conhecimento?**

- 09 alunos não receberam apostilas
- 10 receberam uma parte de apostilas
- 31 receberam as apostilas completas

Aprofundar seus conhecimentos?:

41 alunos responderam que sim.

09 alunos responderam que não.

**Sugestões:**

A maioria das sugestões foi de criar mais cursos. As alunas sugeriam, também, que os cursos fossem mais prolongados (maior carga horária); a justificativa para essas sugestões era em geral, a de querer saber mais:

- Novos cursos sobre necessidades especiais ( D.M.);
- Novos métodos de ensino.
- Estágio mais prolongado;
- Que as educadoras sejam reconhecidas pela Secretaria de Educação;
- Mais material de apoio;
- Apostilas suficientes para todos;
- Que realizem o curso de Especialização em Educação Infantil;
- Maior carga horária para a recreação;
- Continuar os cursos para o bem das crianças, que são o futuro da humanidade;
- Mais cursos sobre o ECA;
- Implantar o curso no município de São José dos Pinhais;
- Divulgar o curso.

## **CONCLUSÕES**

As respostas e observações feitas pelas alunas reiteram a avaliação positiva que faziam dos cursos enquanto esses eram realizados. A maior parte das alunas relatou estar aproveitando em seu cotidiano aquilo que aprendeu no curso, ter compartilhado com suas colegas e ainda utilizar os materiais e apostilas. E, como já faziam ao longo dos cursos, insistiram na continuidade ou na criação de outros cursos.

É de lamentar que 16 alunas (32% das respostas), que fizeram a qualificação, fossem obrigadas a procurar empregos melhor remunerados, em função dos baixos salários percebidos nas creches. Essa perda de funcionárias, já com alguma qualificação, remete novamente à situação inicial pois, em geral, sabemos pela experiência que, quem as substitui ingressa sem qualificação,

apesar da legislação vigente, o que se torna um círculo vicioso. Se o curso contribui com a sua formação, podemos supor que, o educador, ao procurar outros empregos, acaba por aproveitá-la em outras situações e não na Educação Infantil o que contradiz a intenção de qualificar especificamente os profissionais que atuam com crianças de 0 a 6 anos, como exige a LDB e como sugerem as Diretrizes Curriculares. Acreditamos que seria interessante um estudo dessa situação de rotatividade e seu efeito na Educação Infantil.

Apesar de não termos solicitado essa informação, muitas das alunas disseram que voltaram ou continuaram a estudar, fato que já havia sido constatado durante os cursos. O objetivo de elevar a escolaridade formal dessas trabalhadoras, então, parece ter sido alcançado, isto é, quase a totalidade continuaram efetivamente os estudos ou iniciaram sua complementação via supletivos e/ou ingressaram em cursos superiores.

Os resultados que obtivemos também nos mostram que a parte da formação intelectual e social da educadora infantil – que corresponde à qualificação com cursos formais ou informais - deve vir acompanhada de políticas reais de educação, emprego e renda que valorizem a profissão, criando, assim, boas condições de trabalho e de remuneração adequada.

Vários depoimentos ressaltam a desvalorização do educador infantil como profissional, e, a não permanência no emprego nas creches e a busca de trabalho melhor remunerado, mesmo que no ensino fundamental ou área afim, parecem sugerir que se perpetua a carência das boas condições de trabalho e de formação para a educação infantil. Acreditamos que considerar o depoimento das alunas é fundamental para a compreensão da formação dessas profissionais de educação.

Em relação aos cursos que ofertamos, e pensando em uma formação continuada, o ideal seria, como menciona uma das alunas, poder acompanhar o trabalho no próprio local de maneira que pudéssemos observar e comparar e, assim, criar formas de manter uma reflexão e um diálogo continuado, criando um permanente, e não esporádico, elo de ligação entre a Universidade e as instituições de Educação Infantil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília : MEC/ SEF, 1998. V.1

CÂMARA DE ENSINO FUNDAMENTAL. Indicação nº 001/99. **Normas para Educação Infantil no Sistema Estadual de Ensino do Paraná**.

MACEDO, Lino de. **Ensaio construtivistas**. São Paulo : Casa do Psicólogo, 1994.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Secretaria da criança e Assuntos da Família. Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho. **Projeto para qualificação do profissional leigo da Educação Infantil**. Curitiba, 1998. Mimeo.

SANCHES, Emília B.C.C. et al. **Os serviços financiados pela SAS: um retrato da atenção às crianças pequenas**. São Paulo : IEE/ PUC – SP; Brasília : Secretaria de Estado de Assistência Social/ MPAS, 1999.

SEED; SECR; SERT. **Projeto para qualificação do profissional leigo da Educação Infantil**. 1998, Mimeo

## ANEXO

### **Depoimentos de algumas das educadoras que responderam aos questionários:**

“Estes cursos auxiliam nos estudos; adquiri mais conhecimento”

“Entristece-me saber que este curso não é estendido para todas as educadoras, pois foi muito bom”

“Criança: Tia, a senhora precisa ir mais lá onde faz este Curso.

Educadora: Por quê?

Criança: Assim, a senhora traz um jeito novo de ensinar a gente”.

“A disciplina sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente me deu a chance de saber mais sobre as leis dos meninos de rua, violência sobre as crianças. Dos direitos da criança”

“O que eu aprendi na disciplina de Português passei para as crianças; todas as sugestões que a professora ensinou. Também aprendi as formas de ensinar, o modo de corrigir as crianças e as formas de falar”

“Na aula de Literatura, aprendi a ter gosto pelo teatro e pelos livros, através das representações das histórias feitas pela professora e por nós, alunos. Ajudou muito a tirar a vergonha da gente”

“A disciplina de Literatura foi boa, pois aprendi várias maneiras de passar a literatura sem cansar a criança”

“Aprendi que a matemática é mais simples do que eu pensava, estava misturando muito as coisas e que os jogos ensinam muito a criança a pensar”

“A disciplina de Saúde fez a gente conhecer sobre as doenças e como evitá-las, bem como conhecer o desenvolvimento humano”

“A disciplina de Crianças com Necessidades Especiais nos ajudou a perceber as crianças da creche em suas necessidades e dificuldades mais importantes”

“O curso de Artes Plásticas nos levou para visitar o Museu de Artes do Paraná, eu não conhecia, e lá temos uma história fantástica da casa e das obras. Fomos muito bem recebidas. Obrigado por ter dado a chance de visitar o museu”

“O curso de Artes nos ensinou a lidar com materiais simples, práticos e baratos”

“Na aula de Geografia, a professora nos levou ao Passeio Público nos ensinando como é uma aula ao ar livre, foi maravilhoso”

“No curso de Música, pude aprender a cantar melhor e ensinar técnicas novas para as crianças”

“Artes Cênicas foi o curso que eu pude me soltar mais, perder um pouco timidez. A professora sempre disse que precisamos estudar para melhorar nossa aprendizagem do dia a dia”

“A aula de Ciências foi muito interessante, a professora trouxe diversos materiais para conhecermos seu desenvolvimento como, bactérias, fungos, etc.”

“A Educação Física ensinou uma forma diferente de ensinar a educação física, que não é só ginástica, outras formas diferentes de trabalhar com a criança”

“Todas as coordenadoras e atendentes deveriam fazer o curso de Psicomotricidade, porque na maioria são leigas em relação aos movimentos da criança”

“A Criança e o Lúdico foi uma disciplina muito interessante e divertida, onde a psicóloga explicou as atitudes das crianças em relação as brincadeiras e que a criança aprende brincando”

“A disciplina que nos ensinou os primeiros socorros foi muito importante, porque na creche sempre acontece algo e precisamos saber para atender as crianças de imediato”

“Prática Pedagógica ensinou como trabalhar na prática com as crianças de uma forma divertida e principalmente brincando”

“Através da disciplina de Psicologia eu aprendi muitas coisas que são necessárias para me tornar uma profissional, conhecer as crianças, saber como tratá-las e observar o seu desenvolvimento, bem como o seu comportamento”

“Fundamentos da Educação Infantil foi uma disciplina que como se fosse uma porta que se abriu e atrás dela uma luz para que eu possa fazer o meu trabalho e à noite por a cabeça no travesseiro e dormir tranquila”

Reproduzimos, a seguir, um dos depoimentos mais críticos (omitimos nomes que pudessem identificar a autora):

“ É um imenso prazer, escrever para você, gostaria de aproveitar a oportunidade para agradecer o excelente curso, que nos foi proporcionado, e agradecer pelos maravilhosos profissionais que nos acompanharam no decorrer do mesmo.

Mas vamos as respostas, não trabalho mais em Creches, saí em 2000, apareceu uma oportunidade melhor na área de saúde, a qual eu já tinha conhecimento, embora esse serviço fosse mais longe, resolvi aceitar, pois já não tinha mais motivação para continuar como babá.

Em Creches, não importa se você é esforçada, se gosta de crianças, se você faz um bom trabalho, para ser reconhecida, basta que você tenha ido do lado certo do político ou que seja parente de quem está no poder, o que não foi o meu caso. Em (...), eles contrataram várias estagiárias, podem não ter experiência alguma, pois fazem o curso de Educação geral, e agora o Ensino médio, mas em compensação só pagam um salário mínimo para elas, ou seja, mão de obra barata, se comparado ao salário que recebe uma babá.

Quanto a segunda pergunta, modificou em muito meu trabalho, meu método de ensinar, de avaliar, de compreender, não só passei a ensinar melhor, mas comecei a aprender com as crianças, a estudá-las, a compreender suas diferenças, na Creche tive pouco tempo para usar o que aprendi, uso atualmente, mais com os meus filhos.

Na época posso dizer que compartilhei do que foi aprendido, apenas com uma colega de trabalho, já que as demais, não aceitavam mudanças, e se sentiam diminuídas por não terem participado do curso, por diversas vezes, elas deixaram bem claro que não iriam mudar em nada o que faziam.

Clara, o curso foi tão bom, que resolvi fazer magistério, para ser uma melhor profissional, minha visão já era outra, e o que eu sabia, já se tornara pouco.

A prefeitura de nossa cidade não nos ajudou em nada, fizemos por conta própria, até sala de aula era difícil, mas conseguimos, e ao término do curso, pensa que tivemos reconhecimento, ao contrário, contratam cada vez mais estagiárias, é ridículo, mas para mim é um modo de dizer que estão criando novos empregos. Os pais se iludem que a filha está trabalhando, a estagiária se ilude que está ganhando bem, e nossos dirigentes se iludem que tem bons profissionais e que as crianças tem professoras, não é a toa que tem crianças hoje em dia que estão na quinta série e ainda soletram. O pré é o alicerce para todas as crianças e no entanto ninguém está preocupado com isso, só visam lucro, então é difícil, você com outra visão, continuar em um lugar assim, lendo as apostilas do curso, pude realizar meus projetos do magistério, mudar minha opinião em alguns temas, enfim me fez uma profissional melhor. O que eu posso sugerir é que no decorrer do curso tenha algum acompanhamento, que realizem visitas nas Creches, mas sem agendar, para ver a realidade, é difícil admitir mas as crianças não são levadas a sério, se um dia mudar o modo de nossos dirigentes de pensar com certeza irei lecionar, pois não posso aceitar ser hipócrita para conseguir um lugar ao sol, não me incomodo de levantar cinco horas da manhã para trabalhar, faço um bom trabalho, sou reconhecida por isto, coisa que na Prefeitura, trabalhei seis anos, e nunca ligaram, se você é um profissional capacitado ou não, e como diz o

ditado uma andorinha só não faz verão. Não pensem que não lutei para mudarem seus conceitos, mas chega uma hora que você se esgota, e aí é melhor você dar um novo rumo a sua vida.

Gostaria de dizer mais uma vez que tudo o que aprendi não foi em vão, que adoro lecionar, não estou na área, mais me preocupo com quem está, e continua sofrendo, sem conseguir mudar, pessoas que querem sair e não tem coragem, há pessoas que estão em creches, porque é cómodo, outras porque se acham velhas demais para procurar coisas novas, e não as culpo, pois não há incentivo nenhum. Nossas creches de (...) precisam de pessoas como a (...), que não se prendem atrás de uma mesa, fingindo que nada acontece, ela vai atrás, fala, e se vê algo que não está certo, aponta o erro, e ajuda a corrigi-lo, esta é uma das pessoas maravilhosas que jamais esquecerei. E se fizerem esse curso novamente, vão visitar as Creches, mas sem agendar, pois se o fizerem, todos colocarão uma máscara e fingirão, que é maravilhoso, que o mundo é belo e que todos são felizes. (...)"